

Encontro de professores do 1º ciclo na Benedita

o produto inicial tinha ainda que resolver este segundo produto, observando ambos e sem recorrer a qualquer algoritmo — ou seja, na prática, aplicando as propriedades da multiplicação.

Foi bom mesmo! Esta aula foi sentida por todos como divertida e muito estimulante porque os alunos iam-se desafiando sucessivamente e por vezes eram as rãs que ficavam perplexas com as propostas dos colegas ou experimentavam truques que *não funcionavam* como quando o André tentou, para $15 \times 8 = 120$, propor 16×7 . Aqui verificaram, por exemplo, que a adição e a subtracção não garantiam um produto constante.

Foram 45 minutos deliciosos. Fui amparando e desafiando uns e outros e julgo que desta vez toda a gente entendeu ... e querem ir à Net fazer mais.

Por outro lado este trabalho veio na altura certa porque tínhamos acabado de trabalhar a multiplicação e estamos a entrar na divisão — do ponto de vista dos alunos, porque eu trabalho ambas as operações em simultâneo.

É bom experimentar novas propostas e ver que os alunos aproveitam com elas. Obrigada!!!

Isabel Gil

E.B. 2,3 de Santana

A Redacção reserva-se o direito de editar os textos recebidos de forma a tornar possível a sua inclusão na Revista.

Está mais uma vez de parabéns a APM e a Comissão Organizadora pela montagem de mais um encontro de professores do 1º ciclo. Para quem há muitos anos anda nestas coisas, vê com agrado como tudo evoluiu e hoje já há quem se preocupe com a discussão de assuntos *comezinhos* da matemática no primeiro ciclo.

Com isto não quero dizer que não tenha encontrado pontos com que discordo, tanto na forma como nos conteúdos, o que será natural numa Associação que se quer crítica, participante e interveniente.

Penso que os encontros de professores do 1º ciclo tendem a tornar-se demasiadamente académicos, muito teóricos e com alguma perda do sentido prático que deverá vir da vivência das salas de aula do 1º ciclo. Não sou dos que pensam que a teoria só atrapalha; ela fundamenta os conceitos e aponta caminhos. Mas lá no cantinho da escola de cada um a coisa *fica mais fino*; e é esta arte que também deve sobressair nestes encontros. É como na culinária; a partir do prato base, mais coisa aqui, menos coisa ali, menos o que se não tem e acrescentado do que se tem à mão, sai muitas vezes pitéu criativo e saboroso. E estes encontros deveriam ter alguma coisa de festival gastronómico.

Quero ainda aqui pedir desculpas, se é que ofendi alguém, pela forma como intervim num plenário, talvez demasiado afirmativo. Não quis ofender ninguém; somente pretendi pôr alguma ordem na discussão que se prolongava em diálogo directo na plateia sobre a correcção ou não da contagem em colar. Já se misturava *filosofia* com a técnica de *meter a unha*. E fazia-se uma certa confusão entre um fio onde se enfiavam *pérolas* com a recta numérica.

É que me parece que não se faz uma separação da matemática abstracta, dedutiva e com suporte nas demonstrações, da

matemática concretizada, indutiva e baseada nas constatações que é própria para os alunos que frequentam o 1º ciclo.

Fazer contagens em colar, não apondo cada unidade mas sim o espaço entre duas unidades, não é matemática abstracta nem concreta que é própria da didáctica usual no 1º ciclo.

Contagem abstracta não se compadece nem com colares, nem com o meter da unha; aqui contar serve para enumerar abstracções; tanto podem ser elefantes como pulgas.

O talhante conta de modo concreto, como os nossos alunos; não lhe é indiferente contar 3 vacas ou 3 cordeiros. Para o matemático, 3 é simplesmente 3. Misturar tudo é que pode dar confusão.

O Professor Doutor Bento de Jesus Caraça, nos seus *Conceitos Fundamentais da Matemática* escreveu:

- “Apondo para um dos objectos e diz um; apondo para outro e diz dois; e vai procedendo assim ...” (Ninguém conta apondo espaços vazios entre unidades)
- “Para o homem primitivo os números estavam impregnados de Natureza — os números estavam ligados às coisas”.
- “Para o homem civilizado o número natural é um ser puramente aritmético, desligado das coisas reais e independente delas — é uma conquista do pensamento.”

No 1º ciclo os nossos alunos deverão trabalhar como se fossem homens primitivos numa perspectiva de virem a ser civilizados.

João Maria de Oliveira
Professor aposentado